



**OUTRAS
PERSPECTIVAS**



POEMAS DE ÓSSIP MANDELSTAM (TRADUÇÃO DE ASTIER BASÍLIO)

Nós vivemos sem estar mais sentindo o país...

Nós vivemos sem estar mais sentindo o país,
a dez passos não se ouve o que nossa voz diz.
Meia prosa e já basta que lembrem
o matuto da serra no *Kremlin*.
Os seus dedos são vermes sebentos, obesos,
as palavras, fiéis, como a marca dos pesos.
Bigodões de barata sorrindo
e os coturnos brilhando de lindo.

Mas lhe cerca a ralé dos chefes cabeçudos
e ele brinca com os seus zumbis de faz-tudo.
Um que chora, um que mia e soluça.
Ele bichopapoa e cutuca,
Como casco de ferro, ato em ato ele atesta:
em um olho, em um cílio, em um púbis, na testa.

Toda pena de morte – uma amora,
peito largo de quem vem da Geórgia.

1933

Мы живем, под собою не чуя страны

Мы живем, под собою не чуя страны,
Наши речи за десять шагов не слышны,
А где хватит на полразговорца,
Там припомнят кремлёвского горца.
Его толстые пальцы, как черви, жирны,
А слова, как пудовые гири, верны,
Тараканьи смеются усища,
И сияют его голенища.

А вокруг него сброд тонкошеих вождей,
Он играет услугами полулюдей.
Кто свистит, кто мяучит, кто хнычет,
Он один лишь бабачит и тычет,
Как подкову, кует за указом указ —
Кому в пах, кому в лоб, кому в бровь, кому в глаз.
Что ни казнь у него — то малина
И широкая грудь осетина.

1933 г.

Cuida da minha fala até o fim...

Cuida da minha fala até o fim pelo travo de fumo e de azar,
Pelo círculo em resina da calma, pelo sábio alcatrão da batalha.
Como os poços que há em Novogárdia, água doce e escura a jorrar,
para que no Natal se reflita, uma estrela de sete barbatanas.

E pra isso, meu pai, meu amigo, meu rude ajudante,
Eu – irmão não aceito e do clã do meu chão renegado –
Lhe prometo fazer tais cabanas no escuro da selva distante
Pra que nelas mongóis na roldana do balde afoguem boiardos.

Só me amam estacas geladas de algum jogo antigo, –
Como em mira de morte ao jardim atirando sem erro, –
E pra isso toda a vida passo nem que seja em camisa de ferro
E pras condenações do tzar um machado do bosque eu consigo.

3 de maio de 1931

Сохрани мою речь навсегда...

Сохрани мою речь навсегда за привкус несчастья и дыма,
За смолу кругового терпенья, за совестный деготь труда.
Как вода в новгородских колодцах должна быть черна и сладима,
Чтобы в ней к Рождеству отразилась семью плавниками звезда.

И за это, отец мой, мой друг и помощник мой грубый,
Я – непризнанный брат, отщепенец в народной семье, –
Обещаю построить такие дремучие срубы,
Чтобы в них татарва опускала князей на бадье.

Лишь бы только любили меня эти мерзлые плахи –
Как прицелясь на смерть городки зашибают в саду, –
Я за это всю жизнь прохожу хоть в железной рубахе
И для казни петровской в лесах топорище найду.

3 мая 1931

Na cozinha nós dois e lá se sente

Na cozinha nós dois e lá se sente
a querosene branca, docemente.

Faca afiada ao *karavai*, o pão,
se quiser, ligue no tranco o fogão,

mas não, tome estas cordas para ser
amarradas à cesta até o amanhecer

A fim de irmos à estação de trem
onde não iria nos achar ninguém.

janeiro de 1931

Мы с тобой на кухне посидим...

Мы с тобой на кухне посидим,
Сладко пахнет белый керосин;

Острый нож да хлеба каравай...
Хочешь, примус туго накачай,

А не то веревок собери
Завязать корзину до зари,

Чтобы нам уехать на вокзал,
Где бы нас никто не отыскал.

Январь 1931

ÓSSIP MANDELSTAM: “CUIDA DA MINHA FALA ATÉ O FIM”

Óssip Emilevitch Mandelstam nasceu numa próspera família de comerciantes judeus. Originário da Polônia, nasceu na cidade de Varsóvia, em 14 de janeiro de 1891. Aos seis anos de idade, porém, passou a residir em São Petersburgo, cidade onde viveu seus anos de formação e a qual dedicou um de seus mais belos poemas, após regressar como filho pródigo e não encontrar mais a paisagem de antes: “Petersburgo tenho inda endereços, / Pelos quais busco as vozes de que já morreram”.

De início, Mandelstam passou a frequentar um ateliê de poetas, liderado por Nicolai Gumilev, então marido de Anna Akhmatova, ao lado dos quais passou a integrar o Acmeísmo, uma das várias expressões do modernismo na Rússia, escola que surgiu em oposição ao Simbolismo. Foi autor de um dos manifestos deste movimento. É dessa fase que vem à luz seu primeiro livro de poemas, *Pedra*, de 1913, com belos versos como: “Um corpo me foi dado – e o que fazer assim/ Com ele que é tão único, que é algo tão de mim”.

Os poemas que compuseram sua segunda coletânea diferiam da fase inicial por não se prenderem tanto ao credo estético. Ao ouvir Mandelstam em um recital, o maior poeta russo daquela época, Alexander Block, atestou em seu diário: “como ele cresceu”. Em 1922, veio a segunda coletânea de poemas, *Tristia*. De uma publicação para a outra, transcorreram apenas oito anos, mas nessa quadra de tempo aconteceram os cem dias que abalaram o mundo e que resultaram na Revolução Bolchevique. Ao resenhar o segundo trabalho de Mandelstam, expoente do Simbolismo, convertido à nova ordem política, Valeri Briusov fez uma observação curiosa: “Surge a questão: em que século (o livro) foi escrito?”. Sem submeter-se aos ditames impostos pelo regime por meio das diretrizes do Realismo Socialista, o poeta enfrentou dificuldades, das mais diversas.

Em 1933, escreveu o poema que selaria o seu destino. Obra que ficou conhecida como “O epigrama de Stálin”, por mim traduzido. Ao ver com os próprios olhos a fome que devastava os camponeses na Crimeia, Mandelstam decidiu, conforme testemunho de sua mulher, a escritora Nadejda Iakovlevna, que era preciso fazer alguma coisa. A atmosfera de medo e de invasão da privacidade é descrita no poema “No aconchego da cozinha, a gente...”, no qual ações se interrompem, componho uma atmosfera que vai do idílio, no cômodo da casa, ao exílio, na estação de trem.

Denunciado por atividades antissoviéticas, Mandelstam foi exilado em Voronezh. Foi preso uma segunda vez e teve que cumprir pena num campo de trabalhos forçados onde morreu, pouco tempo depois, em 1938. Para que a obra de seu marido não corresse o risco de ser destruída, Nadejda Iakovlevna a memorizou. Foi para ela que Mandelstam escreveu seu poema: “Cuida da minha fala até o fim...”. Sua história inspirou a escritora brasileira Noemi Jaffe a escrever seu romance *O que ela sussurra*.

Em seu livro de memórias, Nadejda registrou uma fala de Mandelstam sobre seu trágico destino, que simboliza bem a importância da poesia na Rússia: “Está lamentando o que, – falou ele – somente aqui se respeita poesia, por ela matam. Posto que em lugar nenhum se mata por causa de poesia”.

Astier Basílio é escritor, dramaturgo e jornalista. Mais de dez livros publicados, entre os quais *Funerais da fala* (2000), Prêmio Novos Autores Paraibanos, e *Finais em extinção* (2011), Concurso Nacional de Contos e Poesia. Doutorando em Literatura Russa pelo Instituto Maksim Górkki, de Moscou. Além de traduzir os poemas presentes nesta edição, verteu do russo todas as citações feitas neste texto.